

Ler Althusser

JAIR PINHEIRO (ORG.)

Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. 262p.

*Octávio Fonseca Del Passo**

Resultado de um seminário organizado em 2015 por grupos de estudos marxistas, o livro coordenado por Jair Pinheiro traz grande dificuldade ao resenhista devido à abrangência dos temas e das abordagens. Trata-se de uma coletânea, com dez capítulos, classificados em quatro partes intituladas “Diálogos”, “Política e ideologia”, “Sobre a dialética materialista” e “Teoria e métodos”. Limitar-nos-emos à abordagem de parte deles, que consideramos de maior amplitude e impacto. Contudo, recomendamos cada linha desse livro, porque ele não deixa dúvida quanto à sua qualidade e reafirma, na prática, que o pensamento althusseriano também fez escola no Brasil e logrou recuperar o teor científico do marxismo após o refluxo que sofreu nos anos 1950, com a ascensão da concepção filosófica humanista e de seu teor majoritariamente normativo.

Os artigos de André Yazbek, Armando Boito, Danilo Martuscelli, Décio Saes, Jair Pinheiro, Leandro Galastri, Lúcio Flávio R. de Almeida, Luiz Motta e a entrevista concedida por Marta Harnecker têm força teórica e confirmam muito bem o impacto que as teses de Althusser tiveram no meio acadêmico e político. Em especial, aquelas teses desenvolvidas por Althusser na década de 1960, período em que emergiram as inovações mais criativas dos estudos que o grupo althusseriano empreendeu com a finalidade de renovação do marxismo.

* Mestrando em Ciência Política pela Unicamp. E-mail: octaviodelpasso@gmail.com

A grandeza dessa empreitada, liderada por Althusser, fica evidente nos diálogos que este realizou com outros autores, já que eles se traduziram como uma quebra do dogmatismo marxista, recuperando a construção teórica em diálogos com as inovações obtidas dentro e fora da referida corrente. Um deles é o diálogo realizado por Galastri entre Althusser e Gramsci, que foi feliz ao mostrar que os conceitos de “hegemonia” e o de “aparelho de hegemonia” permaneceram em estado bruto na tese do autor sardo. No entanto, Galastri mostra que o desenvolvimento prático desses conceitos, realizado por Althusser, ainda merece melhores qualificações. Ao desenvolver o conceito de aparelhos ideológicos de Estado, o autor afirma que Althusser corrobora com a noção gramsciana de Estado ampliado, que abarca o consenso e a coerção, de modo que ambos servem à luta contra o economicismo. Ademais, na opinião de Galastri, Althusser dá um passo maior, ao sugerir que a ideologia faz parte da superestrutura, mas que a hegemonia a ultrapassa.

A conversa realizada entre a tese althusseriana e a sartriana também ganha destaque em *Ler Althusser* no capítulo escrito por Yazbek, já que Sartre também se aventurou na renovação do marxismo, embora em direção contrária. Com isso, contradizendo a sua própria vontade, Sartre logrou dar uma sobrevida ao existencialismo quando empreendeu uma tentativa de trazer um fundamento político à Antropologia. Segundo Yazbek, Sartre também se diferencia de Althusser porque argumentou que a dialética repousa na prática individual, reintegrando a ação livre dos homens num contexto em que o estruturalismo surgia com força. Na contramão, Althusser e sua leitura estruturalista do marxismo afirmavam que a ideia de “homem” é uma mistificação burguesa e opõe a ela a ideia de “massas”, enquanto sujeito da história, da luta de classes. É nesse sentido que Althusser desenvolve a noção de “ruptura epistemológica” entre as obras de juventude e de maturidade de Marx; o que eu acredito ser, ao lado do anti-humanismo teórico, a noção mais importante desenvolvida por esse autor.

A noção de ruptura epistemológica se desenvolve porque, nas releituras que Althusser realiza das obras de Marx, surgiu uma compreensão de que o jovem Marx operava com uma problemática antropológico-filosófica e o Marx maduro se voltaria para algo que se pode chamar de problemática histórica. A ruptura consiste, portanto, numa mudança qualitativa entre duas visões, em que a história deixa de ser a exteriorização da consciência de um sujeito filosófico e passa a ser, em primeiro lugar, a produção e reprodução da vida material. Tal explicação nos é dada pelos textos de Armando Boito, Danilo Martuscelli e Jair Pinheiro. Em consequência da leitura que faz das obras de Marx, Althusser critica o que ele chama de “método analítico teleológico”. Analítico por pressupor a unidade de determinado pensamento, e teleológico por sinalizar que o desenvolvimento ulterior de um pensamento é o aprofundamento de sua origem.

A ideia de ruptura epistemológica também abre a possibilidade, de acordo com Armando Boito, de reafirmação do marxismo enquanto uma ciência social, assim como a viabilidade da retomada de uma perspectiva de desenvolvimento

do materialismo histórico, enquanto ciência da sociedade. Décio Saes nos mostra que a questão posta dessa maneira por Althusser destoa da maioria do “marxismo ocidental”, que vê o marxismo enquanto mera crítica filosófica da sociedade burguesa e/ou uma filosofia da ação. No pensamento de Althusser, como Décio Saes nos mostra, a Filosofia assume lugar secundário em relação à ciência, porque aquela depende dos avanços desta para que surjam novas interrogações filosóficas. Prevalece a ideia de que, embora a ciência nasça *da* e *na* ideologia, elas se diferenciam em determinado momento histórico.

A nova problemática teórica e o corte epistemológico são fundamentais para a formulação da tese do anti-humanismo teórico de Althusser. Segundo Boito, a questão formulada por Marx em suas obras se altera e com ela se modificam também os instrumentos utilizados para encontrar as respostas das novas perguntas. No jovem Marx, a questão de fundo era “o que é o homem?”; depois, ela passa a ser “o que é a história?”. Essa tese é o desenvolvimento da ideia que vem da constatação de que o jovem Marx trabalhava com os conceitos de *essência humana*, *alienação* e *emancipação humana*, e que eles não aparecem de forma sistemática e substancial nas obras do Marx maduro. Nestas últimas, os conceitos fundamentais são outros: modo de produção, forças produtivas, classe social, mais-valia e revolução. É isso que conduz Althusser a conceber uma nova leitura de Marx e, por conseguinte, o que também conduz à tese do anti-humanismo teórico.

Dentre tantos outros temas que são apresentados ao leitor em *Ler Althusser* e que poderiam ser explorados aqui, como, por exemplo, o da ideologia enquanto uma espécie de replicação das ideias da classe dominante, os limites da teoria althusseriana da reprodução social ou os aspectos que giram em torno da crítica ao conceito de ontonegatividade de J. Chasin feita respectivamente por Flávio R. de Almeida e Luiz Motta, ou mesmo aquele dos princípios da dialética na teoria althusseriana trabalhado por Décio Saes, valeria destacar que, segundo Armando Boito, a renovação althusseriana foi vitoriosa ao recolocar o conceito de *modo de produção* em seu devido lugar.

Althusser resgata, na leitura de Armando Boito, o conceito de modo de produção da restrição econômica a que ele vivia submetido e aplica-o também à política e à ideologia. Os althusserianos entendem que há um condicionamento recíproco entre a economia e a política, e que a determinação em última instância da economia se dá apenas nos momentos de transição de um modo de produção a outro. Entre outros motivos, esse é um tema importante porque evidencia a existência de um conteúdo equivocado em grande parte das críticas dirigidas a Althusser. Em especial, as que o pintam como um teórico funcionalista, afirmando que ele veria nas sociedades uma espécie de reprodução social que tiraria o lugar da luta de classes da história, assim como o da transformação revolucionária. Compreender a determinação econômica, nos momentos de transição para a corrente althusseriana, é entender que nela a transformação se dá porque a estrutura, ao determinar a prática, produz simultaneamente resultados contraditórios, ou seja, efeitos que são

reiterativos da estrutura e outros que são antiestruturais. Nesse sentido, Boito Jr. é feliz ao sintetizar que a transição ao socialismo não é impensável no marxismo estruturalista de Althusser, mas o é sem a mobilização das massas no sentido de uma revolução social.

Em síntese, o livro organizado por Jair Pinheiro deve ser lido e indicado por condensar as principais questões teórico-metodológicas que envolvem as obras de Althusser e as controvérsias geradas por elas, e também por evidenciar o impacto que essa produção teve sobre os autores marxistas brasileiros, que acabaram por conformar uma corrente althusseriana capaz de produzir ciência social de qualidade no Brasil, fazendo com que o marxismo não se torne um dogma.